

BRASÍLIA, TERÇA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2004

Editor: Raul Pilati // raul.pilati@correioweb.com.br
 Coordenador: Carlos Alberto Jr. // carlos.junior@correioweb.com.br
 tel. 214-1148
 e-mail: negocios@correioweb.com.br

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Não seguiu (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na segunda	Comercial, venda, segunda-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefeito, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-0,71 Novo York	22.870 22.869	0,98 (▲ 0,96%)	2,946 (▼ 0,30%)	3,663 (Estável)	405,00 (▲ 2,20%)	15,89	Março/2004 0,47 Abril/2004 0,41 Maio/2004 0,51 Junho/2004 0,71 Julho/2004 0,91

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia - Brasil

Mesmo com a taxa básica estável, as instituições financeiras aumentaram suas margens de lucro em julho. E, neste mês, subiram de 62% para 62,8% ao ano os juros cobrados nos empréstimos feitos às pessoas

Bancos cobram mais

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar da estabilidade de quatro meses da taxa básica de juros (Selic) e da queda do custo do dinheiro negociado entre as instituições financeiras, os bancos voltaram a ampliar as margens de lucro, o *spread* bancário, nos empréstimos concedidos a seus correntistas. Segundo o chefe do Departamento Econômico do Banco Central (BC), Altamir Lopes, o *spread* médio para pessoas físicas fechou julho com aumento de 0,3 ponto percentual, nos 45,3 pontos, interrompendo um processo de baixa iniciado há 14 meses. O *spread* elevado é hoje o principal entrave para o crescimento na demanda por crédito.

O aumento da margem de ganho dos bancos foi a primeira das más notícias que o BC divulgou ontem aos consumidores. Os juros finais incidentes sobre os financiamentos, que vinham em queda constante, também mudaram de rota. Na média dos primeiros 13 dias úteis de agosto, as taxas cobradas das pessoas físicas subiram para 62,8% ao ano, ante os 62% do encerramento de julho. Para as empresas, os juros médios passaram de 29,7% para 30,7% ao ano.

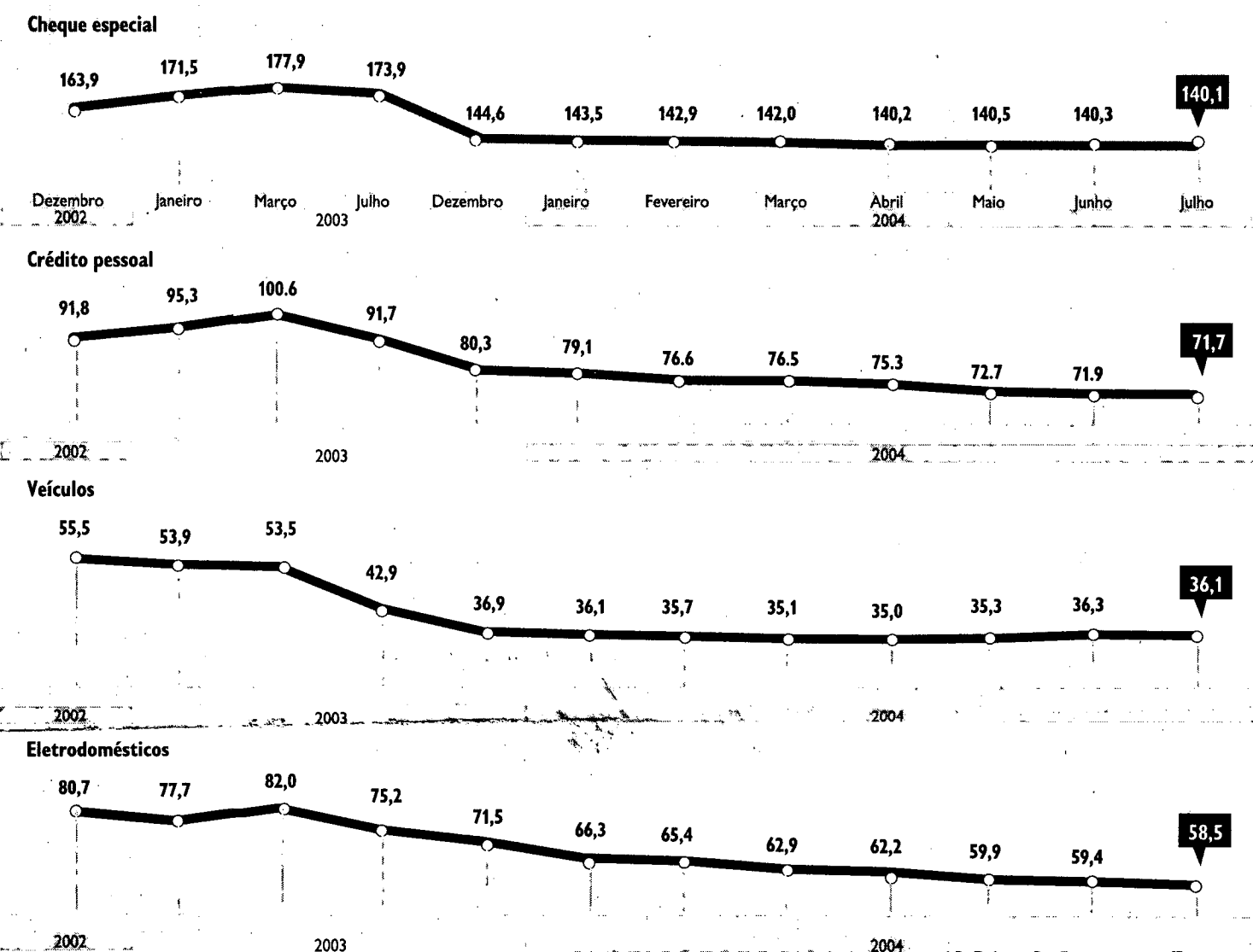
“Não será surpresa se os juros (ao consumo e à produção) continuarem subindo nos próximos meses”, avisou Altamir. “Houve uma mudança de expectativas quanto aos rumos dos juros nos mercados futuros — usados como referência para a formação das taxas aos consumidores e às empresas. Portanto, está ocorrendo um ajuste natural dos juros para cima”, assinalou. No entender do economista do BC, o mais importante é que, a despeito da recente alta, os juros estão nos menores níveis das séries estatísticas do BC.

Folha de pagamento

Altamir chamou a atenção para a demanda crescente pelo crédito consignado, cujos descontos das prestações são feitos nas folhas de pagamento. O volume de recursos emprestados por meio dessa modalidade somou, no mês passado, R\$ 8,231 bilhões. “O crédito consignado está sendo usado pelas famílias como um caminho mais barato. É isso que está ajudando a derrubar a taxa final do crédito pessoal”, explicou o economista. Pelas suas contas, os juros do crédito em folha estão

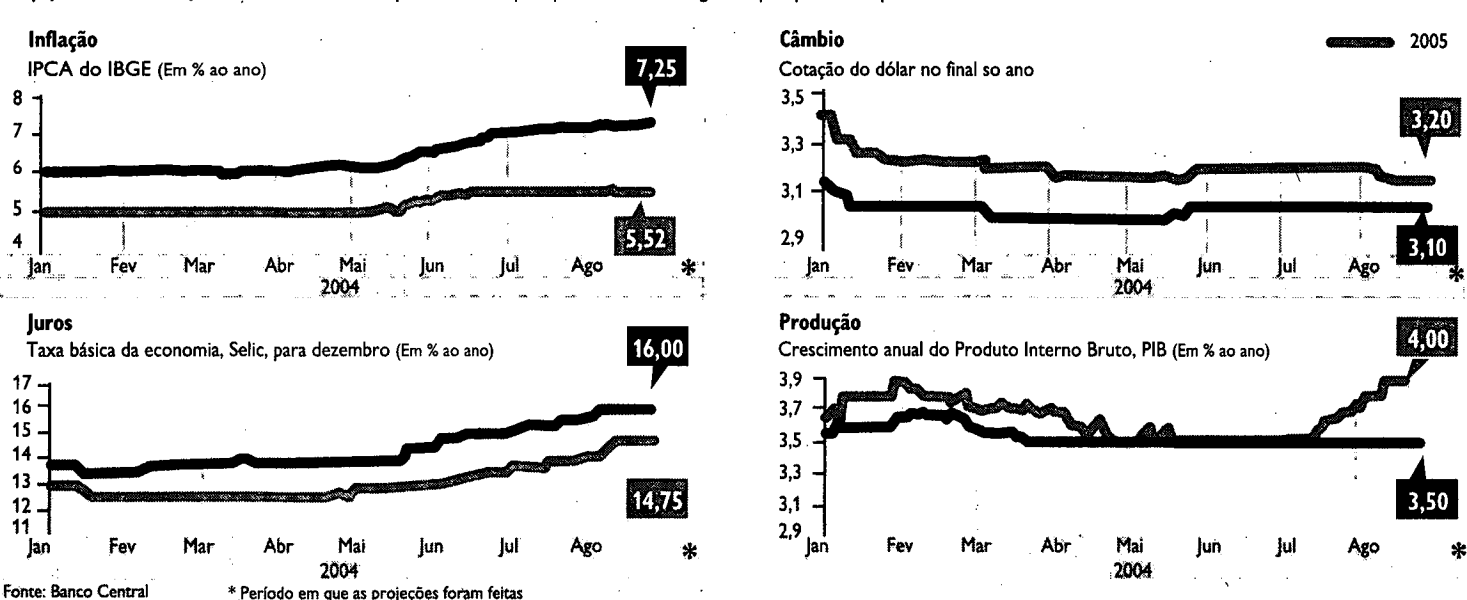
CUSTO ELEVADO

Os juros cobrados pelos bancos (Em % ao ano)



As previsões

Projeções das instituições financeiras mais importantes do país para este ano, segundo pesquisa feita pelo Banco Central



Fonte: Banco Central * Período em que as projeções foram feitas

em 38,1% ao ano, pouco mais da metade dos 71,7% ao ano cobrados nos empréstimos pessoais.

Na avaliação de Altamir, com os juros um pouco mais altos, a tendência é de que a demanda por crédito se aqueça nos próximos meses. “Com certeza, não teremos mais o crescimento forte

que vínhamos detectando por financiamentos”, destacou. Nos 12 meses terminados em julho, a concessão de empréstimos pelos bancos às pessoas físicas aumentou 23,4%. No ano, a expansão ficou em 15,5%. O saldo da dívida dos brasileiros bateu, no mês passado, em R\$ 101,8 bilhões.

Com a retomada da economia, a inadimplência (créditos em atraso) caiu para 7,1%, o nível mais baixo desde junho de 2001, e demanda por moeda pelo público aumentou 22,9% no acumulado dos últimos 12 meses. O saldo de recursos nas mãos da população chegou a R\$ 48,2 bi-

lhões. As reservas bancárias também cresceram: 16,6%, para R\$ 24,8 bilhões. “Não há, porém, motivos para preocupações. A demanda maior por moeda é reflexo do aquecimento da economia e não deve ser vista como uma pressão a mais sobre a inflação”, assegurou Altamir.

PIB cresce acima de 4%

O mercado financeiro fechou ontem projeções sobre o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre do ano, que será divulgado hoje pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). As estimativas são bastante positivas. Nas contas da economista Zeina Latif, do Banco HSBC, o PIB acumulado entre abril e junho cresceu 4,6% em relação ao mesmo período do ano passado. Quando comparado o Produto do segundo trimestre com o dos três meses anteriores, a previsão é de aumento de 1,1%.

“Se confirmados esses números, poderemos dizer que o crescimento da economia é para valer”, disse Zeina. Ela ressaltou que nem mesmo a quebra da safra da soja, que têm grande peso no agronegócio, será suficientemente forte para reverter os resultados consolidados pelo IBGE. Para Zeina, o comportamento do PIB no primeiro trimestre — quando aumentou 2,7% — e no segundo período garante crescimento de 4% para a economia neste ano, acima dos 3,8% previstos pelo governo na proposta de Orçamento para 2005 que será encaminhada hoje ao Congresso.

Na avaliação de Alexandre Lintz, economista-chefe do Banco BNP Paribas, o crescimento do PIB no segundo trimestre será ainda maior — 5,2% — ante igual período de 2003. Em relação ao primeiro trimestre, ele está prevendo aumento de 1,5%. “Teremos o terceiro trimestre consecutivo apontando para crescimento anualizado de 6%”, destacou. Ele afirmou ainda que o crescimento do PIB não está mais sendo sustentado apenas pela exportação. “A reação da demanda interna já se reflete nos resultados”, acrescentou.

Indústria forte

Para o economista Elson Telles, diretor da Fides Asset Management, a grande responsável pela forte alta do PIB no segundo trimestre foi a indústria, com expansão de quase 9% no período. O setor de serviços, segundo ele, registrou incremento de 1,6% e a agroindústria, de 4%. “Com isso, dá para apostar em crescimento de 4,6% do PIB no segundo trimestre”, assinalou.

É importante ressaltar, no entanto, que a base de comparação será muito baixa — o PIB acumulado entre abril e junho do ano passado recuou 1,1%. E, segundo fontes do IBGE, é possível que os números do ano passado sejam divulgados hoje revisados, apontando resultados ainda piores. Pelas contas da economista Ana Paula Higa, o PIB do segundo trimestre cresceu 4,5% na comparação com o mesmo período de 2003. Para o ano todo, ela projeta expansão de 4,2%. (VN)